

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MINHAS MEMÓRIAS

Cristiane M. C. de Godoy

**AMERICANA
2008**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

MINHAS MEMÓRIAS

Cristiane M. C. de Godoy

AMERICANA
2008

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

G548m	<p>Godoy, Cristiane M. C. de.</p> <p>Minhas memórias: memorial de formação / Cristiane M. C. de Godoy. -- Campinas, SP : [s.n.], 2008.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).</p> <p>1. Trabalho de conclusão de curso. 2 Memorial. 3 Experiência de vida. 4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. II. Título.</p> <p>08-344-BFE</p>
-------	--

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida,

A minha mãe pela vitória, força e amor a mim e minha irmã, superando seus limites, mas nunca fazendo as pessoas de degraus;

Ao meu pai, que se foi dessa vida tão cedo e não teve a chance de me ver graduada;

Aos meus filhos que durante três anos se privaram da minha presença todas as noites;

Ao meu marido pela força e incentivo;

As minhas amigas de sala, que faziam dos nossos encontros os mais proveitosos possíveis:

Aos professores do PROESF, por dedicação e contribuição a minha profissão.

SUMÁRIO

Apresentação	1
Capítulo 1 – Minha infância	2
Capítulo 2 – Alfabetização	
2.1 Alfabetização e afetividade.....	10
Pedidos de uma criança.....	14
Capítulo 3 – Minhas conclusões.....	16
Referências Bibliográficas.....	18

APRESENTAÇÃO

Logo que comecei lecionar no ensino fundamental, todas as lembranças da minha infância, enquanto aluna, se misturava com as experiências aplicadas com os meus alunos durante as aulas.

Essas lembranças foram tornando-se mais evidentes durante a graduação, os textos estudados retratavam exatamente os pontos positivos e negativos vividos durante minha alfabetização.

Na elaboração deste memorial, muitos eixos foram questionados, o papel do professor e educando, a gestão escolar e política, entre outros, mas as aulas do PROESF sempre se voltavam para a alfabetização e afetividade.

Tornaram-se o eixo da minha história, me identifiquei enquanto profissional e principalmente me fizeram entender acontecimentos ocorridos durante minha vida escolar, os erros e acertos, para que não se tornem realidade hoje em minha sala de aula com meus alunos.

Muitas dúvidas foram esclarecidas no curso do Proesf, a diferença entre alfabetização e letramento, que são comuns em sala de aula, na qual não tinha conhecimento, não sabia como que um aluno decodificava a leitura e escrita, mas não interpretava. Foi um fato que me marcou bastante, me possibilitou a entender e trabalhar de forma diferenciada, com intervenção e atividades paralelas com esses alunos, possibilitando um rendimento melhor na aprendizagem desses alunos.

CAPÍTULO 1 – MINHA INFÂNCIA: VIDA ESCOLAR.

Durante minha infância na pré-escola, no ensino fundamental, magistério, faculdade e finalmente minha formação profissional, será um relato de experiências da evolução do ser humano, enquanto um ser crítico e pensante, dentro de uma sociedade na qual oportunidades surgem para poucos.

Minha vida escolar se iniciou na década de 80, onde o ensino era tradicional, esquematizado, na qual se planejava os conteúdos já esperando os resultados.

Logo na pré-escola vivenciei uma das experiências que jamais esqueci e as atitudes de educadores na minha formação, o que relata muito bem a questão da “afetividade” na aprendizagem dos alunos, bastante discutido nas aulas do PROESF.

Naquele tempo, as escolas estaduais possuíam estruturas físicas ótimas para desenvolver aulas de arte, educação física, bibliotecas (consideradas ótimas comparando com as estruturas encontradas hoje em nossas escolas) e tinha também atendimento odontológico.

A dentista era uma mulher alta, com voz grossa e pouco simpática, vivia olhando para os alunos sem dar ao menos um sorriso.

As crianças se apavoravam com a chegada dela na porta das salas e sempre nos chamava pelo sobrenome.

Em uma das vezes em que me chamou, de tanto medo urinei nas calças. Pedi para que eu me sentasse na cadeira, abrir a boca e pronto, nada de aulas explicativas seus benefícios e sua importância ou uma conversa para um relaxamento, nada disso ocorria.

Voltei para sala aos prantos e com dor, minha professora me abraçou perguntando sobre o ocorrido.

Contei tudo e com uma simplicidade ela me disse que eu tinha o sorriso mais lindo que já tinha visto, era preciso fazer o tratamento dentário para que ficasse ainda mais lindo. Levou-me pela mão até o consultório e nunca mais fiquei com medo de dentista até hoje depois de adulta.

Ou seja, se a dentista tivesse a simples atitude que minha professora demonstrou, seria tudo mais fácil e sem traumas.

“ as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica necessariamente uma interação entre pessoas. Portanto na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente” (Almeida, 1999, ap 107).

No início do curso do PROESF, na disciplina de Língua Portuguesa, com a orientação da professora Cristina, afetividade se tornou para mim uma complementação na aprendizagem dos alunos e compreendi também o fato ocorrido comigo na pré-escola, o que me fez pensar muito nas atitudes com meus alunos para que tais erros não se repitam deixando marcas profundas na formação do ser humano.

A primeira, segunda e terceira série do ensino fundamental, foram tranqüilas na minha alfabetização, embora o ensino tradicional comparado com o construtivismo hoje sejam muito diferentes entre si. As atividades eram repetitivas com resultados já esperados, minhas professoras eram dedicadas e amorosas gostavam realmente do magistério.

A partir da quarta série minha vida escolar começou a se complicar psicologicamente e socialmente. Meu pai faleceu no início do ano letivo, naquele tempo quando uma criança perdia pai, mãe ou separados eram discriminados como “coitadinhos são órfãos” e se distanciavam formando grupos na qual eu não podia participar. Antes do falecimento do meu pai eu era considerada “normal” tudo era permitido em grupo.

Essas atitudes dos colegas começaram a me afetar, meu rendimento escolar começou a regredir não falava com ninguém e quase perdi o ano.

Hoje nas escolas as crianças que não vivem com os pais ou são criadas por outros parentes, se tornaram um problema social, principalmente nas escolas localizadas em periferias. Sem dúvida essa situação afeta e muito o rendimento escolar dessas crianças, elas não possuem acompanhamento necessário para suprir essas necessidades, já que a escola e família devem estar em contato constante para superar as dificuldades apresentadas no aprendizado e no comportamento dos alunos.

Outra mudança na minha vida foi o ginásio. Logo na 5ª série foi aquele choque, a cumplicidade das séries iniciais já não era tão intensas, professores que mudam conforme a área do conhecimento, colegas diferentes, alguns já estavam retidos pela quarta vez e isto transformava esse aluno como um marginal conhecido pela escola inteira. É importante destacar que o respeito não existia perante a direção e orientação de alunos, era medo. Tudo se baseava na chantagem e não no diálogo, mostrando as diferentes formas de se resolver as situações. Muitas vezes ocorriam agressões, o tocar em aluno sempre se fazia presente e nada ocorria contra os agressores.

Durante o ginásio fui retida duas vezes na sexta série e uma vez na sétima série, por motivos de fracasso escolar, não tinha motivação nenhuma, minha mãe trabalhava o dia todo, pouco conseguia me orientar (sua escolaridade era até a quarta série).

Até chegar ao colegial, nunca passou pela minha cabeça ser professora, pois motivada pelo meu fracasso escolar já não acreditava mais na escola, era para mim uma instituição falida e obrigatória.

Minha mãe, percebendo meu desinteresse, me disse que meu pai tinha o sonho de me ver formada em magistério, dizia que eu era a “professorinha” dele. Como fui muito ligada ao meu pai, isso se tornou uma cobrança, eu queria de qualquer jeito homenageá-lo. Foi então que procurei o curso técnico de magistério. Perdi um ano do colegial pela falta de vaga para o curso e nada me fazia mudar de idéia, agora eu queria ser professora.

Durante o magistério não percebi muita diferença com meu ginásio, o ensino era tradicional, nos ensinavam ser da mesma forma com nossos futuros alunos. Mas, sempre procurei tirar o melhor que os conteúdos poderiam me oferecer e até hoje tenho apostilas que quando as leio percebo quanto o ser humano pode evoluir se lhe aparecem oportunidades. O PROESF foi uma delas, quanto contribuiu para minha evolução profissional, abriu a minha mente para novas perspectivas de vida.

Mostrou-me que a leitura é uma fonte de prazer e sabedoria quando se tem objetivos para alcançar. Principalmente para minha evolução humana e profissional. Ouvia muito nas aulas no PROESF que, enquanto se pratica ginástica para evoluir os músculos, a leitura é o principal meio de evoluir a sabedoria e a intelectualidade do indivíduo.

Logo no segundo ano do magistério, consegui meu primeiro emprego em uma escola particular de ensino infantil, na qual minha função era acompanhar nas atividades, uma criança com Síndrome de Down.

Era uma criança que exigia certa “autoridade” sobre ela, trabalhei durante quatro anos. Seu nível de aprendizagem era bem inferior aos demais alunos, seu atraso mental era de quatro anos. Ela ficava em torno de dois anos em cada etapa da educação infantil, sempre acompanhada de uma pedagoga particular (contratada pela família). Sem dúvida foi uma experiência e tanto, porque percebo a dificuldade da inclusão na rede pública de ensino.

A inclusão deixa muito a desejar, falta estrutura física e profissional para o acompanhamento dessas crianças. Concordo que todos têm direito a educação e de viver em sociedade, mas falta muito para que isto se torne algo de qualidade. Precisei parar de trabalhar, porque me casei e estava grávida de minha primeira filha, Bárbara, hoje com nove anos de idade. Fiquei sem lecionar durante quatro anos, prestava concursos públicos, minhas classificações eram sempre boas, mas nunca me chamavam.

No ano de dois mil e quatro fui chamada para assumir uma sala da segunda série do ensino fundamental. Foi como se eu tivesse saído de outro mundo, o que as professoras com algum tempo de casa falavam, era grego pra mim. Estávamos fazendo o planejamento do terceiro bimestre, e tudo deveria ser colocado no papel (conteúdos, objetivos, metodologia e avaliação) vistado pela coordenadora e seguido ao decorrer do mesmo.

Além desse, havia o planejamento semanal (registro de todo conteúdo trabalhado diariamente), havia avaliação também vistada pela coordenação, na qual possibilitava a identificação de falhas no aprendizado dos alunos. Precisei de muita ajuda no começo, principalmente nos registros diários, pensei até em desistir algumas vezes, mas tive muita sorte em conhecer as colegas que ainda hoje trabalham comigo.

A cobrança de tais formalidades e burocracias consiste também nos projetos educacionais em que a escola é inserida. Passado alguns anos, nada mudou a não ser piorar com tanta papelada e poucos resultados.

CAPÍTULO 2- ALFABETIZAÇÃO.

Alfabetização já foi sinônimo de “conjunto de habilidades técnicas” (Cook-Gumperz, 1991, p.56), na qual o professor era o mediador de conhecimentos.

Durante o curso do PROESF, descobri vários níveis de alfabetização e que transformar alunos em depósito de informações não implica sua aprendizagem.

No método tradicional, a cartilha era decodificada pelas repetitivas silabações, textos pobres sem sentido algum. Não descarto a importância da silabação em determinados momentos na alfabetização dos alunos, o que é questionável no ensino tradicional são os conteúdos sem ênfase.

“Não se alfabetiza fazendo apenas as crianças juntarem as letras. Há uma alfabetização cultural sem a qual a letra pouco significa. A leitura social, cultural e estética do meio ambiente vai dar sentido ao mundo da leitura verbal” (Ana Maria Barbosa, 1984. p.7).

Logo que ingessei no ensino o magistério também não mostrou como trabalhar esses conhecimentos fundamentais, senti uma dificuldade imensa em transformar a realidade dos alunos em conteúdo na sala de aula (o construtivismo),

Uma grande auto-avaliação que realizei foi no início do PROESF, meus textos produzidos eram horríveis, sem muita idealização dos meus conhecimentos, opiniões, etc.

No ensino tradicional a escrita era refletida como simples representação da fala, atividades de codificação e decodificação da escrita, ou seja, a criança lê, mas não entende o que leu, não é capaz de interpretar.

Para Magda Soares esse processo é conhecido como “analfabetismo funcional”, não se utiliza da leitura e escrita como desenvolvimento social e da cidadania.

Em sala de aula sempre inicio pelo conhecimento prévio dos alunos com dificuldade, partindo do seu nome próprio e suas letras, possibilitando melhor compreensão e construção de outras escritas. É importante respeitar as características individuais e o ritmo dos alunos nesse processo de construção.

“dos indivíduos já se requer não apenas que dominem a tecnologia do ler e do escrever, mas também que saibam fazer uso dela, incorporando-a a seu viver, transformando assim seu ‘estado’ ou ‘condição’, como conseqüência do domínio desta tecnologia” (Soares, 1998, p.3-11).

Recordo-me logo no início do primeiro semestre, sobre a orientação da professora Cristina, da leitura de um texto e a citação que Paulo Freire, que defende o primeiro objetivo da educação, que é a conscientização, transformar o processo educativo visando o desenvolvimento da consciência crítica, construindo conhecimento a partir de sua história e realidade de que faz parte.

Para a professora Telma Weisz, a concepção da língua escrita contrapõe um suporte teórico construtivista, onde o conhecimento não aparece como algo que está fora e deve ser consumido, posto para dentro do aprendiz em doses controladas, *e sim algo a ser construído pelo aprendiz enquanto participante e não objeto do processo de aprendizagem*

“se eu tivesse que reduzir toda psicologia da educação a um único princípio, eu formularia este: de todos os fatores que influenciaram a aprendizagem, o mais importante consiste no que o aluno já sabe. Investigue-se disso e ensine-se de uma forma conseqüente” (Ausubel, 1968, apost. Afetividade e Ensino, Sérgio Leite, p. 11).

Desse momento em diante mudei muitos conceitos nas aplicações dos conteúdos em sala de aula, a grande mudança ocorreu nas aulas de Matemática. A grande dificuldade dos alunos é a interpretação de situações-problema, não distinguem qual operação realizar, relacionar quantidades, realizar mais de uma operação, etc., foi então que procurei a realidade vivida por eles. Em frente à escola há uma papelaria, na qual quase todos os dias as crianças fazem pequenas compras, comecei a trabalhar sistema monetário priorizando a interpretação dos problemas, levantando questões como:

- _ Se eu comprar, fico com mais ou com menos dinheiro?
- _ Qual é a primeira operação que o caixa faz?
- _ E o troco? Como saber o valor?

Os resultados foram melhorando muito, mostrando que não é apenas teoria, a realidade e experiências vividas pelos alunos possibilita o progresso de suas aprendizagens.

“antes de apontar o erro e encaminhar soluções, cabe ao professor colocar o aluno em situação de desequilíbrio, ou seja, de conflito cognitivo, para que ele mesmo, constatando a ineficácia de sua solução, se mobilize na busca de outras possibilidades.” (Lígia Klein, 2002 p.125)

Do mesmo modo que planejei Matemática, procedo da mesma forma as outras áreas do conhecimento.

É o segundo ano que estou com a mesma turma, percebo muita diferença em suas dúvidas, questionamento dos conteúdos, o senso crítico deles está sempre presente e fico um pouco orgulhosa com essa situação. Quantas atitudes durante minha alfabetização até o colegial poderiam ter mudado muitas situações desagradáveis ocorridas!

“a alfabetização como um construtor radical, deveria radicar-se em um espírito de crítica e um projeto de possibilidades que permitissem às pessoas participarem da compreensão e da transformação da sociedade” (Soares 1998, p 3-11).

O professor como mediador, não deve deixar de questionar as diferenças de realidade e seus conflitos, realizando a percepção do aluno com o meio em que vive socialmente.

Paulo Freire afirma que a alfabetização é um ato político e, portanto não pode ser reduzida ao puro aprendizado mecânico de leitura e escrita. Defende que a alfabetização deve ser parte do processo por meio do quais os homens, além de aprender a ler e a escrever, responsabilizam-se pela transformação social.

“Ser alfabetizado não é ser livre, é estar presente e ativo na reivindicação da própria voz, da própria história e do próprio futuro” (Giroux, Freire e Macedo op. cit.,p11).

CAPÍTULO 2.1 – AFETIVIDADE E ALFABETIZAÇÃO.

Grotta (2000) analisou e demonstrou claramente que o processo de constituição de leitor com a escrita ocorre desde o ambiente familiar, através de mediadores como o pai, mãe, tios, avós, etc., ou seja, conhecimentos marcados pela afetividade e segurança obtida pelo sujeito.

No decorrer das experiências vividas em sala de aula, podemos dizer que a família tem muita responsabilidade pelo desenvolvimento escolar do aluno. É o primeiro convívio social que o indivíduo frequenta.

Leciono em uma escola da periferia, na qual muitos problemas sociais ocorrem como agressões, alcoolismo entre outras, a realidade dos adultos é transportada para as crianças.

A escola parece ser dividida entre duas partes, os alunos acompanhados pelos pais, que estão sempre presentes em reuniões ou querem estar em constante contato com a escola e a outra parte são os pais na qual o professor têm o filho como seu aluno o ano inteiro e nunca chegaram a conhecê-los. A diferença de resultados de rendimento escolar é gritante.

É mais do que claro, a necessidade da família presente na vida escolar dos filhos.

A partir desses conflitos surgem às ocorrências de violência praticadas por esses alunos, o desinteresse em aprender dificilmente é revertido, até chegar aos quatorze anos e serem encaminhados para o E.J. A. (Educação para jovens e adultos), onde ocorrerá a evasão escolar.

Sempre considerei a afetividade, o carinho, o diálogo e a imposição de limites o centro para evolução do aprendizado. Os erros cometidos comigo na vida escolar serviu como escola para que eu não os aplicasse em sala de aula.

O ser humano está em constante evolução social, as oportunidades infelizmente não ocorrem para todos, uma minoria se beneficia desses recursos.

A relação professor-aluno é muito delicada, onde qualquer palavra pode ser considerada mais que uma agressão física. A desvalorização do mediador ao sujeito em frente a uma dificuldade de aprendizado, se não for trabalhada a real necessidade, pode gerar um “bloqueio” irreversível.

Durante a graduação no PROESF, na disciplina de Língua Portuguesa, sobre a orientação da professora Cristina, pude avaliar melhor o que aconteceu comigo enquanto aluna e minhas condutas em relação a como lidar com alunos que necessitam de afetividade diferenciada, ou seja, a afetividade não significa amorosidade o tempo todo, a imposição de limites é essencial para o bom andamento de comportamento e desenvolvimento escolar, principalmente para os alunos que não possuem acompanhamento familiar algum, saem da escola e ficam na rua até os pais “perceberem” sua ausência.

“um ciclo que acredito ser respaldador de preconceitos: a gente olha mas não vê, a gente vê, mas não percebe, a gente percebe, mas não sente, a gente sente mas não ama e, se agente não ama a criança, a vida que ela representa, as infinitas possibilidades de manifestação dessa vida que ela traz, a gente não investe nessa vida, e se a gente não investe nessa vida, a gente não educa e se a gente não educa no espaço/tempo de educar, a gente mata, ou melhor, a gente não educa para a vida; a gente educa para a morte das infinitas possibilidades. A gente educa (se é que se pode dizer assim) para um morte em vida: a invisibilidade.”(Azoilda Loretto da Trindade, apost. dirigida na aula de multiculturalismo sobre a orientação da ap. Silvia: “Olhando com o coração e sentindo com o corpo inteiro” p.9)

A teoria estudada no PROESF se fez realidade em minha vida profissional. No final do ano letivo passado, estava ocorrendo muitas agressões entre um aluno com os demais colegas de sua sala, não realizava nenhuma atividade, não havia registros em seus cadernos e o pior entre os acontecimentos estava ocorrendo entre professora e mãe desse aluno. Ao final 2007 precisou registrar boletim de ocorrência da parte da professora por ameaça realizada pelos pais.

A direção da escola considerou melhor remanejar o aluno para outra sala. Fui chamada para uma reunião junto à diretora e os pais do aluno. Como já conhecia o histórico do seu comportamento, deixei bem claro para os pais e o aluno que o meu trabalho seria realizado da melhor forma possível, destaquei que o respeito é algo conquistado e não imposto, “respeito para ser respeitada”, que seu avanço na aprendizagem dependia muito da sua vontade e seu comportamento e caso não melhorasse ele voltaria para sala.

Seu caderno estava em branco. Comecei do início da alfabetização, com jogos, as letras de seu nome, e ele foi aos poucos construindo e lendo palavras simples. Reconhecia as palavras pelo valor sonoro, de onde localizava com o

dedo a palavra soletrada. Com isso as cruzadinhas se tornaram um recurso e tanto.

Na matemática, realizava as quatro operações simples sem qualquer dificuldade, seu comportamento mudou completamente, ninguém mais ouve falar dele na escola pelas suas ações ruins que praticava.

Valorizei o aluno desde o primeiro dia em que entrou na minha sala, falei que eu estava ali para ajudá-lo e que todos eram capazes de mudar para melhor, fazer amizade é muito bom, já que ninguém chegava perto dele antes. Escrevia bilhetes de incentivo e carimbos em seus cadernos a cada atividade realizada, ele achava o máximo!

Neste ano continua comigo, está freqüentando aula de reforço, está lendo sua escrita melhorou muito, possuindo alguns erros ortográficos e realiza situações-problema simples e expressões numéricas.

“o que importa deixar bem claro é que qualquer aprendiz precisa ser estimulado, incentivado, encorajado; afinal, aprender é aproximar-se de novo, do desconhecido, e é muito importante nesse caminho ter alguém em quem confiar, alguém que nos diga: “vem”; ou que nos diga: “vai”; ou alguém que seja capaz de dizer “vamos”. Mas, para isto, nós educadores, temos que ter uma confiança inabalável na potência de vida dos nossos alunos, olhá-los e sermos capazes de nos fascinar com a vida e as múltiplas possibilidades que ela nos apresenta”. (Azoilda Loretto da Trindade apost. dirigida na aula de multiculturalismo sobre a orientação da ap. Silvia: “Olhando com o coração e sentindo com o corpo inteiro.” P.13)

Embora a valorização desse aluno tenha mudado sua vida escolar, me sinto bem em ter participado desse processo, mas ao mesmo tempo fico triste por não ter a mesma retribuição da sociedade e do governo perante o professor e sua importância na vida do ser humano.

Os anos passam, as reclamações estão sempre na mídia, mas o pior é que os acontecimentos estão ao redor do professor como se fosse o principal causador do fracasso da educação no país. Os pais perderam o real valor da entidade “ESCOLA”, é como se tornasse um depósito humano na qual eles sabem que estão em segurança (de uma certa forma) enquanto trabalham ou não, professores se tornaram para muitos pais simplesmente “babas” de seus filhos que quando cobrados por algum motivo se sentem ofendidos.

CAPÍTULO 3 – MINHAS CONCLUSÕES

Ao final da graduação, percebi que o ser humano está em constante superação de si próprio.

Muitas vezes durante o caminho eu vinha corando em pensar no meu filho caçula, na época com um ano e meio, ainda se alimentava do leite materno.

O cansaço era inevitável, a mente pensava e o corpo não obedecera.

Meus pensamentos eram restritos, não tinha a visão que o PROESF oferecia era tudo teoria que eu não conseguia fazer a relação com minha profissão e no que me ajudaria.

Ainda bem que a leitura é exercício para mente!

Como pude melhorar as minhas aulas, meu jeito de ver e rever as conclusões para as dificuldades dos meus alunos, “meu olhar diferenciado”.

As formas de alfabetizar, a diferença do letramento e suas justificativas. As teorias discutidas nas aulas de Língua Portuguesa, com a professora Cristina, explicam com todas as letras os erros apontados, diagnosticados enquanto aluna há vinte anos atrás. Quantas sensações ruins de incompetência pessoal poderiam ter sido evitadas, impedindo meu fracasso escolar e as discriminações que sofri.

Meus alunos hoje, são tratados no respeito mútuo, em uma troca de gentilezas entre eu e eles.

Toda e qualquer atividade realizada dentro do seu propósito, tem sua valorização. Uma palavra escrita com erros ortográficos é motivo de capacidade e que se pode melhorar cada dia.

Obrigada PROESF pelas leituras no caminho, dentro do ônibus até Americana, pela falta de tempo durante o dia. Quantas idéias diferentes, autores diferentes, mas sempre com o mesmo objetivo: como melhorar a educação no Brasil com tantas dificuldades sociais vividas por nossos alunos?

Essas dificuldades fazem parte da nossa sala de aula e nos possibilitam a renovação de condutas e modos de pensar, não como problemas, mas sim como problemas nossos. Não existe “meu aluno”, o aluno é da escola, portanto de todos nós como docentes e funcionários.

Meus textos produzidos no início da graduação, como eram pobres de vocabulário e concordâncias. Percebi isso fazendo meu memorial, relendo alguns deles.

Hoje eu não sei se estão melhores, ou pouca coisa mudou, perante os textos produzidos pelos professores do PROESF, mas procuro me esforçar. Por esse motivo não entreguei para ninguém digitar ou corrigir meu memorial, fiz pensando na minha capacidade e que mereço ter essa chance de ser pela última vez avaliada.

Não pretendo terminar meus estudos somente com a graduação, logo em seguida farei a pós-graduação, para não perder o hábito de leitura e escrita adquiridas.

Embora a desvalorização do magistério esteja cada vez mais evidente em nosso país, pela sociedade e governantes, me sinto realizada no que faço, vejo pessoas em pleno desenvolvimento crítico e social que dependem da mediação do conhecimento, baseando-se na sua experiência vivida e que todos passam pela sala de aula ou tem recordações de seus professores.

Espero que mudanças ocorram, para que outros alunos tenham uma oportunidade de melhorar enquanto seres pensantes e críticos dentro de uma sociedade oprimida pelo descaso de governantes corrompidos pela ganância e falta de ética.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, A. R. S. A emoção na sala de aula. Campinas: Papirus, 1999.
- Ausebel, D. P. Educational Psychology, A Cognitive View. N. York, Rinhart & Winston, 1998.
- Amaral, C. W. do. A Proposta Crítica no Processo de Alfabetização Escolar. Projeto de pesquisa, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- Barbosa, Ana Maria. Janelas para ver. Caderno da TV ESCOLA, nº01/1998 p.5,6-7, Trama do olhar. Aprendendo a ver. São Paulo, MAC/USP, 1998.
- Chalita, G. Educação : A solução está no afeto. São Paulo: Editora gente, 2001
- Damasio, Ar. O erro de Descartes. Emoção e Cérebro humano. São Paulo: Cia das letras, 2001.
- Dantas, h. Emoção e Ação Pedagógica na Infância: Contribuição de Wallon. Temas em pedagogia, sociedade Brasileira de Psicologia, São Paulo, Nº3, p. 73-76, 1993.
- Freire, P. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980.
Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- Giroux, Freire e Macedo. Alfabetização e Letramento_Contribuições para as práticas Pedagógicas. Sérgio leite. Ed. Komedi-2001- p.78 SP.
- Grotta, E. C. B. Processo de Formação do leitor: relato e análise de quatro histórias de vida. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Unicamp, 2000.
- Klein, L. R. Alfabetização: quem tem medo de ensinar? 4. Ed. – São Paulo: Cortez; Campo Grande: Ed. Da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2002.
- Leite, S> A. S. Alfabetização e fracasso escolar. São Paulo: Esdicon, 1998.
__Alfabetização – Repensando uma prática< Leitura: Teoria & Prática, nº 19, pp.21-27.
__A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação. Em Azzl, R e Sadalla, A.; M. F. Psicologia e formação docente: desafios e conversas. São Paulo: Casa do psicólogo, 2002.

Negro, T. C. Afetividade e leitura: a mediação do professor em sala de aula. Relatório técnico apresentado como exigência de conclusão de bolsa de pesquisa da Faep, Faculdade de Educação UNICAMP, 2001.

Oliveira, M. K. O problema da afetividade em Vygotsky, em La Taelle, Y., Dantas, H., Oliveira, M. K. Piaget, Vigotsky e Wallon: teorias psicognéticas em discussão. São paulo: Summus Editorial Ltda. 1992

Smolka, A. L. B. A criança na fase inicial da escrita: alfabetização no processo discursivo. São Paulo: Cortez, 1998.

Soares, Magida Becker e Maciel, Francisca. Alfabetização. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2000. (Série Estado do Conhecimento)

___ Alfabetização: a (des)aprendizagem das funções da escrita, Educação em revista, Revista da faculdade de Educação, UFMG, Nº8, dez., 1998, pp3-11.

___ Língua escrita, sociedade e cultura. Relações, dimensões e perspectivas, Revista Brasileira de Educação, nº0, 1995, pp. 5-16.

___ Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

Vygotsky, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

___ O desenvolvimento psicológico na infância. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Wallon, H. A evolução psicológica da criança. Lisboa: Edições 70, 1968.

Pedidos de uma criança.

- _ Não tenham medo de ser firmes comigo. Prefiro assim. Isso faz com que eu me sinta mais seguro.
- _ Não me estraguem. Sei que não devo ter tudo que peço. Só estou experimentando vocês.
- _ Não deixem que eu adquira maus hábitos. Dependo de vocês para saber o que é certo ou errado.
- _ Não me corrijam com raiva ou façam na presença de estranhos. Aprendo muito mais se falarem com calma e em particular.
- _ Não me protejam das conseqüências dos meus erros. Às vezes, eu preciso aprender pelo caminho mais áspero.
- _ Não levem muito a sério as minhas pequenas dores. Necessito delas para obter a atenção que desejo.
- _ Não sejam irritantes ao me corrigir, se assim fizerem, eu provavelmente farei o contrário do que me pedem.
- _ Não façam promessas que não possam cumprir, lembrem-se de que isso me deixará profundamente desapontado.
- _ Não ponham muito à prova minha honestidade. Sou facilmente tentado em dizer mentiras.
- _ Não me mostrem Deus carrancudo e vingativo, isso me afastará dele.
- _ Não desconversem quando faço perguntas, senão procurarei na rua as respostas que não tive em casa.
- _ Não me mostrem pessoas perfeitas e infalíveis. Ficarei muito chocado quando descobrir algum erro delas.
- _ Não digam que não conseguem me controlar. Eu julgarei que sou mais forte que vocês.
- _ Não digam que meus termos são bobos, e sim me ajudem a compreendê-los
- _ Não me tratem como pessoa se personalidade. Lembre-se que tenho meu próprio jeito de ser.
- _ Não me apontem continuamente os defeitos das pessoas que me cercam. Isso criará em mim um espírito intolerante.
- _ Não se esqueçam que eu gosto de experimentar as coisas por mim mesmo. Não queiram me ensinar tudo.
- _ Nunca desistam de ensinar o bem, mesmo que eu pareça não estar aprendendo. No futuro vocês verão em mim um fruto daquilo que plantaram.

Chalita, G. Educação: A solução está no afeto. Ed. Gente 2001